
RUAS, PRAÇAS, PORTO E CASAS. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO PORTO-ALEGRENSE NO RELATO DOS VIAJANTES DO SÉCULO XIX

STREETS, PLAZAS, PORT AND HOMES. ABBREVIATIONS CONSIDERATIONS ABOVE THE SPACE URBANE PORTO ALEGR IN THE RELATE FROM THE TRAVELERS OF THE 19 TH CENTURY

Marília Conforto*

Michel Quadros Velho**

RESUMO: Esse artigo busca analisar a percepção da capital gaúcha, Porto Alegre, através das obras dos viajantes do século XIX. Foi selecionada para a análise além dos diários de viagem, uma aquarela retratando uma vista parcial de Porto Alegre pintada por Hermann Rudolf Wendroth.

PALAVRAS-CHAVE: História do Rio Grande do Sul, Literatura de viagem, viajantes.

ABSTRACT: This review she picks analyze the perception from capital gaúcha, Porto Alegre, via the works from the travelers of the 19th century. Was selected for the analysis beyond from the journals of trip , a watercolor recanting a vista partial of Port Joyful spotted for Hermann Rudolf Wendroth.

KEYWORDS: History of the River Big of the South , Literature of trip , travelers.

O estudo da literatura de viagem nos traz uma grande base de informações que podem, se associadas, as produções historiográficas do recorte temporal desejado, tornar-se uma importante fonte de pesquisa. O tema desse artigo faz parte do projeto de pesquisa denominado A pena e o Papel. A interpretação do Rio Grande do Sul nos textos dos viajantes do século XIX que desenvolvemos no PPG Mestrado em Letras e Cultura Regional, na Universidade de Caxias do Sul. Num primeiro momento foram escolhidos apenas os diários como fonte de pesquisa. Mais

* Docente Universidade de Caxias do Sul. PPG Mestrado em Letras e Cultura Regional. Departamento de História e Geografia. mc.14@terra.com.br

**Graduando em História. Bolsista e Iniciação Científica da Universidade de Caxias do Sul – BIC/UCS, 2006

adiante resolvemos incorporar o conjunto de pinturas de Hermann Rudolf Wendroth, que fazem parte do acervo do Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul- CEDOC/UCS.

Algumas perguntas nortearam nossa reflexão na elaboração desse artigo. São elas: Em que medida o olhar do outro se torna importante para a percepção de nossas cidades? O que vê esse olhar? O que analisa a respeito da estética, arquitetura, planejamento urbano da cidade de Porto Alegre? Ha uma coesão e/ou um cruzamento de discursos classificatórios referente ao objeto? O recorte temporal é o século XIX, precisamente o período de 1817-1845 e os diários de viagem selecionados foram os de: A. Baguet,, Arsène Isabelle e Saint- Hilaire e as pinturas de Hermann Rudolf Wendroth.

Segundo Paviani, “não há ciência sem teoria e método sem referências ao mundo ou a realidade. Pode-se discutir a função e as diferentes concepções de teoria, mas não sua relevância” (PAVIANI, 2006, p. 31). Na análise dos diários de viagem escolhidos para a pesquisa temos estabelecido um diálogo entre literatura de viagem e a história, assim como procuramos definir e evidenciar as diferenças e aproximações de conceitos como: narrador – viajante, narrador historiador, região entre outros. Para tanto nos servimos de historiadores, que partindo dos estudos já realizados estabelecem uma ligação entre a teoria e nosso objeto de pesquisa – os diários de viagem e as pinturas.

Antonio Cândido em seu livro **Literatura e Sociedade**,ressalta:

É, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores: e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a a obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público, nem este é passivo, homogêneo registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termos inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO,1976, p. 74).

A literatura de viagem representaria, em nosso entender, esse sistema vivo no qual as emoções e impressões do autor, também um leitor dessa realidade, que vê decifra e tenta compreendê-la. Os diários de viagem e as cartas estão presentes ao longo do tempo, registrando usos e costumes de várias civilizações. É através desse tipo de correspondência que as sociedades puderam traçar seus planos de conquistas e dominação de territórios até então desconhecidos. A literatura de viagem alimentou a curiosidade de europeus de várias nacionalidades sobre a possibilidade de aventuras e enriquecimento no chamado “Novo Mundo”. Diários e cartas serviram como forma de mapeamento de terras e gentes desconhecidas, mapeamento esse que teve função importante na exploração econômica e organização do trabalho feitorizado.

No Brasil, o projeto de colonização manteve, sempre que foi possível, a colônia brasileira protegida do olhar curioso de pessoas que não estivessem a serviço da Coroa. Segundo Fernando Azevedo: “A colônia continuava estranha à revolução científica que se processava no Velho Mundo e mergulhada na espessa obscuridade em que, sob esse aspecto, se envolvia a metrópole, que estava, como toda a península, ‘fora da linha isotérmica dessa revolução’”(HOLLANDA,1976, p. 119). A Revolução Industrial trouxe um outro estímulo ao grupo de homens inquietos que se aventuravam pelo mundo. A procura por novos mercados consumidores fez com que o novo mundo se tornasse novamente atrativo às viagens exploratórias. Segundo Tânia Quintaneiro,

A ênfase nas diferenças, decorrente da visão segmentada da ordem natural e social promovida pelas concepções medievais, ia aos poucos cedendo lugar a doutrinas que proclamavam a igualdade essencial entre os homens. Ao nível das idéias e atitudes, consolidavam-se a crença no progresso da humanidade e o gosto pela aventura de conhecer e de experimentar inculcado pelo romantismo desde cujo berço – a Inglaterra- projetou-se por toda a Europa o mito do herói sentimental, inquieto e impetuoso (QUINTANEIRO,1995, p. 14).

Para a análise das aquarelas de Hermann escolhemos o livro de Peter Burke, denominado **Testemunha ocular. História e imagem**. O autor reflete sobre o desafio na utilização de imagens para compreender outras épocas. Ele argumenta nas páginas de Testemunha ocular, que as imagens não devem ser consideradas simples reflexões de suas épocas e lugares, mas sim extensões dos contextos sociais em que elas foram produzidas. O autor retoma os historiadores da arte e seus métodos utilizados na análise das imagens procurando demonstrar que muitas vezes eles são insuficientes para descrever as complexidades da linguagem visual. Nesse ponto, ressaltamos a definição de Paviani para a função da teoria que a vê como auxiliar nos atos de descrever e/ou de explicar.

Entendemos que a literatura de viagem, as aquarelas e a historiografia compõem um mosaico para a compreensão de um período da história do Rio Grande do Sul. O pressuposto teórico do qual nos utilizaremos para a análise das aquarelas de Hermann já foi enunciado por Burke e não é novo, ele parte da concepção de que os documentos, os testemunhos orais e as imagens se constituem indícios que “lidos em conjunto”, nesse caso, diário de viagem e aquarelas, tornam-se evidências históricas permitindo a compreensão de aspectos culturais do cotidiano de uma sociedade, a província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A citação retirada de Burke sintetiza nossa idéia:

Imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vivida. Como sugerido pelo crítico Stepaen Bann, nossa posição face a face com uma imagem nos coloca

‘face a face com a história’. O uso de imagens em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas (BURKE, 2004, p. 17).

Os historiadores buscando o entendimento do processo histórico das sociedades incorporaram, como objetos de pesquisa, novas fontes. Assim, a literatura, a cartografia, o vestuário e as imagens dialogam com as fontes “tradicionais” utilizadas pela história. Considerando que a relação entre o historiador e o objeto de pesquisa ou sua fonte se estabelece via problematização no uso das imagens também isso pode ser observado. Essa problematização se dá em dois níveis: o primeiro natural no processo de pesquisa, pois é através da elaboração das hipóteses e perguntas norteadoras que o conhecimento sobre a fonte se constrói. O segundo nível é o uso da imagem como fonte. Nesse sentido Burke escreveu:

Historiadores tradicionais, ou mais exatamente historiadores céticos quanto ao uso de imagens como evidência histórica, freqüentemente afirmam que imagens são ambíguas e que podem ser “lidas” de muitas maneiras. Uma boa resposta a este argumento seria apontar para as ambigüidades dos textos, especialmente quando são traduzidos de uma língua para outra. Exemplo disso é o livro que você está começando a ler [Testemunha ocular. História e imagem]. Escrito em inglês com o objetivo de atingir o público de língua inglesa, ele às vezes emprega coloquialismos de difícil compreensão para leitores estrangeiros, ou admite facilmente pressupostos quando seria necessária uma explicação para o outro lado de uma fronteira cultural (BURKE, 2004, p. I).

E mais adiante Burke ressalta que o uso das imagens pode ser traduzido, “no sentido de que podem ser adaptadas para o uso em ambiente diferente do que foi inicialmente idealizado (em outros termos, elas podem ser adaptadas para o uso em uma cultura diferente)” (BURKE, 2004, p. I). Isso se dá pelo desconhecimento muitas vezes da cultura que originou as imagens, essa idéia se aplica em nossa pesquisa tanto nos diários como também nas aquarelas. Nesse ponto se faz necessário chamar atenção para dois pontos que consideramos importantes: O primeiro é uso das imagens e textos (diários de viagem) e o segundo ponto, é quem são os narradores e de que ponto eles estão narrando.

As narrativas de viagem e as aquarelas antes de serem categorizadas como arte, são as tecnologias e os registros possíveis, no século XIX, para compreender o outro, para entender as diferenças. O uso da tinta aquarela, ou seja, os pigmentos dissolvidos em água tornaram possível colorir o esboço feito com o *crayon* no próprio lugar onde a tela foi produzida ou mais tarde, uma vez que, a aquarela secava mais rápido do que a tinta a óleo. O segundo ponto de análise liga-se

ao primeiro à medida que esses registros mesmo cumprindo sua função de conhecer o outro não estão isentos da chamada imparcialidade científica. A leitura dos diários oferece a todo o momento a interpretação do narrador-viajante que assumindo a primeira pessoa, no discurso, vai emitindo opiniões sobre o que vê. Os narradores usam critérios de sua própria cultura para conhecer, classificar e entender o que observam. Além disso, nem todos eles possuem formação científica ou viajam para o Brasil integrando missões científicas. É o caso de Hermann, que vem como um mercenário, ou Baguet que foi convidado para integrar uma missão norte-americana com objetivo de investigar as possibilidades de exploração econômica na região do atual Paraguai.

Concordamos com Burke sobre o uso das imagens:

Retornamos à questão da importância das imagens para os historiadores como forma de evidência. A respeito desse assunto, minha mensagem é a mesma para os brasileiros e para os leitores de outros países, considerando-se que o objetivo de meu livro foi apresentar conclusões gerais (por mais provisórias que sejam). Eu continuo acreditando que os historiadores devem sempre utilizar imagens junto com outros tipos de evidência, e que precisam desenvolver métodos de “crítica das fontes” para imagens exatamente como fizeram para os textos, interrogando estas “testemunhas oculares” da mesma forma que os advogados interrogam testemunhas durante um julgamento (BURKE, 2004, p. II).

Assim podemos “ler” nos textos e imagens as estruturas do cotidiano de uma época, de uma determinada sociedade. Para exemplificarmos o diálogo proposto entre diário de viagem e imagem escolhemos uma aquarela de Hermann. A pintura escolhida é a cidade de Porto Alegre, então capital da província de São Pedro.

É importante ressaltar que consideramos como indícios para nossa análise, tanto para o narrador-viajante como para o narrador-pintor o que denominamos “impactos” diante da realidade que se apresenta. E tomado pela surpresa diante de uma sociedade diferente da sua sociedade de origem que esses narradores expressaram através da pena e do pincel as estruturas sociais, políticas e econômicas da sociedade gaúcha que carregada nas cores e nas palavras observaremos na “leitura em conjunto” o preconceito, a admiração, o elogio, além é claro das evidências de como essa sociedade se organizara.

No trabalho de leitura e análise e seleção de documentos que irão compor acervo do centro de Documentação da Universidade De Caxias do Sul- CEDOC/UCS, analisamos o conjunto de aquarelas do viajante Hermann Rudolf Wendroth. O CEDOC possui dois conjuntos das aquarelas que estão em perfeito estado de conservação e faz parte do Fundo Laudelino Teixeira de Menezes, Série: Produção de Terceiros. Essa obra foi publicada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Segundo a introdução das aquarelas, Hermann veio para o Brasil no ano de 1851, como mercenário contratado para lutar contra Rosas. O mercenário Hermann desembarca no Rio de Janeiro e dias depois está em terra gaúchas para integrar o batalhão em que fora classificado. Saindo de Porto Alegre com o batalhão ela passa pelas cidades de Rio Grande e Pelotas. Em ambas a cidade, Hermann, se excedeu nas farras e na bebida, quase sempre na companhia de Koseritz e de outros mais. Segundo Koseritz, “para a decoração local, os anteriores ocupantes principalmente Wendroth preocuparam-se em encher as paredes com caricaturas e produções literárias” (KOSERITZ, 1881, p. 87).

Depois de ligeira estada em Porto Alegre ele seguiu para Rio Pardo buscando ouro, para percorrer praticamente toda a província e a partir daí, observando os costumes do campo e as cenas da cidade registrando essas mesmas observações com o traço magistral dos seus esboços ou com o colorido agradável dos seus pincéis. Hermann provavelmente faleceu por volta de 1860 não se sabe se em Porto Alegre ou Buenos Aires. Depois de passar por muitas mãos o seu álbum de aquarelas foi comprado por D. Pedro II ficando com a Princesa Isabel que o deixou para seu filho D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança.

A imagem de Porto Alegre construída através da palavra também está presente da imagem construída através do pincel. Percebesse-se que Porto Alegre foi pintada a partir de um ponto mais alto, talvez uma colina ou mesmo da janela de uma casa situada em uma elevação. Se, observamos a aquarela na parte de baixo à direita veremos o telhado de uma casa, isso justificaria nossa idéia do ponto de partida do narrador-pintor estar localizado na janela de uma casa mais alta. Porto Alegre através da pintura nos dá a impressão de uma pequena, mas aprazível e bucólica cidade brasileira típica do Brasil do século XIX. E confirma a historiografia brasileira sobre esse período, que caracteriza a economia brasileira como dependente do campo e essa característica tem seus reflexos também no desenvolvimento do processo de urbanização das cidades. Excetuando a cidade do Rio de Janeiro, a Corte, as capitais de províncias e suas pequenas cidades foram urbanizadas a partir da economia e muitas vezes em torno da economia agrária. Não é o caso de Porto Alegre, mas das capitais provinciais da região do açúcar.



Analisada em conjunto a aquarela retratando Porto Alegre também evidencia a importância dos rios, oceanos e lagos na ocupação e exploração econômica brasileira. Já na carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal ele relatava com surpresa a quantidade de água existente no que se denominou, em princípio, de ilha de Vera Cruz. Vital para a sobrevivência dos portugueses a água também era indispensável como meio de comunicação entre os espaços terrestres assim como os antigos caminhos coloniais, determinante para o sucesso de qualquer projeto de exploração econômica. No caso do Rio Grande do Sul o exemplo está na região das charqueadas pelotenses onde se verifica a importância do arroio Pelotas, da Lagoa dos Patos e do Oceano Atlântico especificamente o porto de Rio Grande com a entrada de escravos e o escoamento da produção charqueadora.

O experimento de viajar ou objetivos de uma viagem alterou-se com o tempo. Do estilo curioso e aventureiro como o de A. Baguet convivem, no decorrer do século XIX, com a viagem-aprendizagem. Segundo Tânia Quintaneiro: “o mundo passa a ser visto como uma escola; percorrê-lo contribuía para o amadurecimento do espírito e do intelecto e para aquisição de um horizonte cultural indisponível para a época moderna” (QUINTANEIRO,1995, p.15). Viajar tornou-se uma pretensão social e um privilégio para poucos de se abrir para o mundo e conhecer culturas, organizações sócias, valores, línguas, costumes, diversos ecossistemas, enfim tudo que o outro podia mostrar. A visão que eles tem da província fundamenta-se em concepções européias, organizada e classificada de acordo com a sociedade a qual pertence, distante e alheio aos interesses reais das populações locais, o viajante passam a resguardar-se das ameaças de suas analogias culturais a qual julgam superior.

Cabe aqui fazer uma breve apresentação dos viajantes e os motivos que esses vieram para o Rio Grande do Sul, que sentimentos moveram esses homens a aventurar-se nessa região e a

partir de onde eles escreveram suas obras. Inferimos que esses viajantes e também outros desse período são movidos pela curiosidade científica, presente em seu mundo, o continente europeu, onde o estudo pela natureza ganhava grande vulto. Mas faz-se necessário saber que a narrativa científica nesse momento não está isenta de julgamento, classificação, preconceito e juízo de valor.

Todos os três viajantes partem de uma Europa em plenos desenvolvimentos industriais, tecnológicos e as ideologias surgidas em decorrência dessas transformações. Através dessa ótica etnocêntrica é que seus olhares desvelam a província de São Pedro. Há nas obras uma valorização do europeu colocando-o como homem civilizado, portanto superior aos habitantes da Província, e até do Império. No entanto os discursos divergem sobre as cidades e a província em geral, mesmo todos sendo europeus, e partilhando da mesma cultura, valores e princípios, estando no mesmo espaço geográfico em tempos não muito distante, entre 1817 a 1845; o que se observa é que não temos uma só opinião. Partindo do contexto existencial de cada um considerar: “O conjunto de fatores internos e externos, que interferiram de maneira perceptível, com maior ou menor intensidade, direta ou indiretamente, no envolvimento, nas posições reações e opiniões dos viajantes, revelados após o contato com a realidade que descrevem” (VENTURELLA - TORRESINI, 1995, p.).

Então necessário saber quem foram esses homens. Baguet teve como objetivo nessa viagem conhecer a Província de um modo geral, não estabelecendo objetivos específicos, e nem uma meta a cumprir. Vem também para enriquecer seu universo de emoções, um *flâneur*. Ele foge da classificação de naturalista, onde encontramos Isabelle e Saint- Hilaire, mas não deixa de emitir juízo estabelecendo-se como historiador, hora sociólogo e também demógrafo. É possível perceber em Baguet seu espírito anti-revolucionário. Ele veio a convite de um americano que se encontrava no Rio de Janeiro cujo objetivo era de levar uma comissão diplomática ao Paraguai, sendo o caminho percorrido por terra, atravessando a Província de São Pedro. Portador de uma portaria, o viajante não encontra grandes dificuldades por onde passa e se hospeda, sempre sendo bem recebido pelos moradores locais. Seu roteiro de viagem está mais direcionado a propriedades rurais e estâncias do que áreas urbanas.

Sobre Saint-Hilaire, um aristocrata naturalista que despertou interesse pela botânica com a amizade que fizera com Vom Humboldt e Aime Bonpland, renomados naturalistas que percorreram a América. Com o aperfeiçoamento de seus estudos em Paris, no jardim do rei, definiu suas carreiras profissionais, tornando-se um botânico e fisionomista. Sua pretensão era contribuir com espécies raras e desconhecidas para o Museu de Historia Natural. Saint-Hilaire

vem em Missão Oficial, representando a França, trazendo consigo “laissez pasiez”, onde desfrutava de privilégios dados as tropas lusas. Saint-Hilaire reuniu uma excelente coleção de espécies de insetos, mamíferos, aves, peixes, amostras minerais sem falar no herbário construído por ele. Por onde passa é bem recebido e devido a essa Missão ser oficial e também há uma portaria que fazia com que, alguns moradores locais chegassem a chamá-lo de coronel.

Arsène Isabelle, nasceu no Hare cidade portuária, tudo indica que foi abandonado em uma instituição de caridade quando recém nascido. Desde cedo teve contato com as narrativas de viagem. Sua pretensão era contribuir para as Ciências Naturais e completar a obra de Saint-Hilaire, que era leitor, vendeu tudo que tinha para conseguir os materiais necessários para sua viagem, reuniu em sua coleção materiais zoológicos, geológicos e botânicos. Embora admirasse Saint-Hilaire, difere de seu compatriota, posicionando-se como um republicano anticlerical e antiescravista. É extremamente crítico com os portugueses e jesuítas, traz consigo da França idéias liberais e democráticas. Isabelle manifesta-se dessa forma, sem a preocupação de medir as palavras, pois não se preocupava em prejudicar as relações entre França e Brasil visto que veio por conta própria, financiando sua viagem. Ao contrario Saint-Hilaire vem com uma Missão Oficial, financiada pela França e subsidiada logisticamente pelo Brasil e Baguet vem a convite com a Missão Diplomática, estando submetido ao estado brasileiro, isso talvez tenha influenciado a escritura desses viajantes.

A partir do que foi exposto acima podemos inferir que análise que esses viajantes fazem das cidades, é determinada pelo seu olhar está diretamente ligado aos seus objetivos de viagem. Escrevendo para seus pares, eles escreverão para aqueles partilham de sua mesma visão de mundo ou que financiaram sua viagem. Os viajantes estrangeiros podem nos dar a percepção do exótico, do ponto de vista europeu, não tendo um compromisso científico, embora algumas vezes posicionando-se cientificamente. Seu olhar parte da sociedade a qual pertencem, Tomando sempre a Europa como ponto de partida para analisar o que passam a conhecer no Brasil. Isso pode ser exemplificado pelas cidades visitadas. Nas descrições dos espaços urbanos são críticos, não podendo ser diferente, pois na Europa moderna as cidades eram hospedeiras da civilização. As cidades europeias significam o centro da civilização e também o pólo irradiador de civilização para as Américas. Percebe-se na leitura das descrições a idéia da estética, da beleza, da arquitetura, ainda que, condicionada aos padrões da sociedade quem a produziu.

Baguet é breve nas descrições que produziu sobre as áreas urbanas e não foi diferente em relação a Porto Alegre, dedica apenas duas páginas à Capital. Esse viajante privilegia o roteiro das áreas rurais hospedando-se nas estâncias e acampando onde era possível. Seu primeiro

comentário sobre a capital da província é que é uma cidade pitoresca, na verdade, ele a elegeu como a cidade mais pitoresca do Brasil. Isabelle ressalta que: “Humanizemo-nos e tratemos de descrever, mesmo de maneira vulgar, o pitoresco de uma cidade do Brasil cujo nome, certamente feliz, está longe de dar uma verdadeira idéia (ISABELLE,1983, p. 56).

Já para Saint-Hilaire Porto Alegre apresenta-se como uma cidade nova e agradável, é surpreendido com o movimento e também com a quantidade de edifícios, bancos e construções. É possível perceber que está falando de uma cidade em desenvolvimento, mas muito suja. Para Baguet Porto Alegre é uma cidade higiênica devido à construção do cemitério, ele relata: “... Conde de Caxias fundou ali um cemitério extramuros. Porto Alegre é uma das poucas cidades do Brasil dotadas de um estabelecimento tão indispensável do ponto de vista higiênico(BAGUET,1997, p. 36).

Todos são unânimes a respeito das condições climáticas da cidade, de um modo geral, afirmaram que a cidade possui um clima bom e conveniente aos europeus, ressaltaram que as temperaturas eram equilibradas, não eram quentes quanto se espera de uma região tropical e nem tão fria quanto as noites da região da província do rio da Prata. Aos poucos Isabelle vai simpatizado com a cidade quando coloca em evidência a arquitetura, onde faz uma descrição das formas e materiais utilizados em suas construções:

Arquitetura simples, não eram desprovidas de elegância; isto é se aplica as casas de construção novas. Construídas de tijolos e pedras de cantaria, tem geralmente um só andar, mas são muito altas, em geral quadradas, com grande números de janelas no primeiro andar e somente portas no rés do chão; estas tem muita altura e são geralmente duplas, de dois batentes, arqueadas, com grandes vidraças colocadas em losangos, quadrados, hexágonos e octógonos. Um balcão de ferro bem recortado, quase sempre dourado, ocupa toda a fachada, com alguns pequenos arcos que se sobrepõem de distância em distância para na época de calor, nele colocar uma tolda festonada. O telhado, coberto de telhas redondas, sai para fora, levando a maneira do teto chinês uma cornija bem esculpida; esta parte saliente do telhado e colorida de vermelho e desenhada admiravelmente sobre a moldura da cornija e pintada de branco (ISABELLE,1983, p. 58).

Isabelle chega à Porto Alegre no verão, Baguet na primavera e Saint-Hilaire no inverno, portanto as anotações desse ultimo referem-se ao frio que passou na região. Saint-Hilaire descreveu as casas como sendo grandes e bonitas, mas sem tecnologia alguma para o frio da cidade:

Há aqui grande número de casas muito bonitas, bem construídas e bem mobiliadas, mas não há uma sequer que possua lareira ou chaminé. Os quartos são altos, as portas e janelas fecham-se mal; esta tem freqüentemente as vidraças quebradas e há casas

que não se pode procurar um objeto sem primeiro abrir os postigos das janelas e até mesmo das portas(SAINT-HILAIRE, 1999, p. 35).

Atribui essa falta de precaução contra o frio a uma herança portuguesa, pois em Portugal as chaminés assinalam uma posição social, torna-se um artigo de luxo, não uma necessidade. Saint-Hilaire faz uma descrição semelhante à de Isabelle sobre as casas: “São cobertas de telhas, caídas na frente, construídas em tijolos sobre alicerces de pedras; são bem conservadas. A maior parte possui sacadas. São maiores que as das outras cidades do interior do Brasil em um grande número delas possui um andar além do térreo, e algumas têm mesmo um só” (SAINT-HILAIRE,1999, p. 41).

Poucas coisas mudaram no intervalo de tempo da visita de Saint-Hilaire e Isabelle. Em treze anos de diferença percebe-se uma alteração nas ruas pavimentadas e construções que se elevam com maior velocidade no tempo de Isabelle que vê uma cidade regular diante de uma colina escarpada, onde os habitantes se preocupam em nivelar os terrenos e alinhar as ruas:

As ruas são todas providas de calçadas e dirigidas aos quatro pontos cardeais; as que vão para o norte e para o sul são menos agradáveis de freqüentar, pois não dão para as partes elevadas; as paralelas em direção a colina são mais belas; duas entre outras, a rua da Praia e da Igreja , são interessantes pelo grande número de lindas casas que possuem (ISABELLE,1997, p. 61).

O viajante ressalta a distinção ou emprego das ruas. A rua da Praia configura-se como uma rua para o comércio, dotada de lojas e casas de comércio em geral. Na rua da Igreja fica o Poder Publico, a casa de governador, a tesouraria e a igreja que é a principal da cidade. Saint-Hilaire faz uma descrição semelhante à de Isabelle, para não nos tornarmos repetitivos, vamos apenas citar o que passou despercebido por Isabelle. Saint-Hilaire descreve a rua da Praia também sendo comercial, mas ressalta o movimento que há nessa rua:

É extremamente movimentada.Nela se encontram numerosas pessoas a pé e à cavalo, marinheiros e muitos negros carregando volumes diversos. È dotada de lojas muito bem instaladas, e de venda bem sortidas, e de oficinas de diversas profissões.Quase na metade desta rua existe um grande cais dirigido para o lago, e ao qual vai por uma ponte de madeira de cerca de cem passos de comprimento, guarnecida de parapeito e mantida sobre pilares de alvenaria.A vista desses cais seria de lindo efeito para a cidade se não houvesse sido prejudicada pela construção de um edifício pesado e feio, a entrada da ponte, de 40 passos de comprimento, destinado à alfândega (SAINT-HILAIRE,1999, p. 41).

As opiniões dos viajantes coincidem a respeito da mais bela visão da cidade, que fica na parte elevada de Porto Alegre. Iniciamos com a descrição de Saint-Hilaire:

Querendo gozar de uma vista de aspecto diferente, mas também cheio de encantos, basta, logo que se chega ao alto da cidade, na rua da Igreja, volta se para o lado oposto àquele que acabo de descrever. O terreno acha se coberto de arvores e arbustos. Vê-se ali casa de campo. Mais além, enfim, estende-se vastos gramados semeados de pinheiros, grupos de árvore em fileiras e arbustos copados que desenham os contornos irregulares de um grande número de sebes. O lago estende-se obliquamente para o sul, orlado de colinas pouco elevadas. No horizonte ele confunde-se com as nuvens e ao longe avista-se um rochedo esbranquiçado, surgido do meio de suas águas. A paisagem do lado noroeste é mais alegre e mais animada do que essa, cuja calma parece convidar ao sonho (SAINT-HILAIRE,1999,p. 41- 42).

Baguet assinala:

Quem deseja gozar de um panorama do novo mundo precisa apenas dirigir-se à cidade alta, no ponto mais elevado da colina. Descobre-se ali ao lado, a cidade e a baía, e do lado oeste , a vista se estende por campos verdejantes, ligeiramente ondulados, embelezados por casas de lazer co seus quitais plantados de laranjeiras, bananeiras, palmeiras, cercados de sebes sempre verdes e semeados de flores de todos os matizes. O ar é tão puro e transparente que avista-se ao longe, a cerca de quinze léguas de distância, a Serra Grande. Eram os primeiros belos prados verdes que eu via depois de muitos anos... (BAGUET,1997, p. 34).

Isabele aponta que:

Um espetáculo difícil de ver mesmo na Grande Ópera? Transportai-vos para o ponto mais auto da colina no lugar principal. A cidade se desdobra em taludes; a barra coberta de barcos; as ilhas, o curso sinuoso dos cinco rios, estendendo-se exatamente como uma mão aberta com os dedos afastados, depois as casa de recreio bordejado em meio circulo a margem sombreada da baía, vales arborizados prolongando-se paralelamente às colinas nordeste. Lindas casas de campo, bem construídas, pitorescamente colocadas sobre o alto dos morros (ISABELLE,1983, p. 57).

Os diversos ecossistemas e sua biodiversidade os deixam intrigados, a combinação de área urbana mesclando-se com a área rural é mais insólito ainda, quem habitava a cidade podia gozar de residir no campo e na Capital. Habitar o campo era entendido para esses viajantes como um retrocesso, não é demais lembrar que a cidade significava um centro de progresso, uma incubadora de idéias, desenvolvimento político social cultural e também econômico, o campo tinha sua importância, na verdade a Província e o Brasil viviam economicamente da área rural, a maior parte da população encontrava-se lá. O sentido de pitoresco para Isabelle altera-se quando percebe que a arquitetura local assenta com o ambiente a qual esta inserida. Nesse sentido o pitoresco toma um significado de belo.

Isabelle e Saint-Hilaire percebem um crescimento econômico e populacional acelerado, devido a posição geográfica que favorece o acesso ao interior pelos rios que circundam a cidade, todos os rios navegáveis e o ingresso ao Oceano Atlântico pelo Guaíba e a Lagoa dos Patos, todos esses acessos convergem para seu Porto. Segundo ele:

Porto Alegre está fadada a se tornar rica e florescente em futuro muito próximo. Esta cidade fundada em 50anos, mais ou menos, conta já uma população de 10 a 12 mil almas e alguém ai residente há 17 anos informa-me que sua população aumento nesse lapso de tempo em mais dois terços. Pode ser considerada como principal empório da capitania e normalmente da zona nordeste do Estado (SAINT-HILAIRE, 1999, p.42-43).

Para Isabelle a cidade cresce rápida, “sobretudo nestes últimos anos começou a ter um crescimento rápido, que vai sempre aumentado: não fiquei surpreso quando me asseveraram que há dois anos se constrói uma casa por dia” (ISABELLE,1983, p. 60). Já Saint-Hilaire observa que esse rápido crescimento leva ao aumento dos preços dos terrenos, deixando essas novas casas feias nos pátios onde se encontra uma grande concentração de sujeira, até mesmo próximo ao lago é entulhado o lixo. Esse lago é a captação de água para a cidade. Saint-Hilaire fica intrigado com a falta de higiene da população. Continuando suas observações os dois viajantes escrevem sobre a vida comercial de Porto Alegre. Isabelle passa a descrever o ativo comercio de Porto Alegre, as diversas embarcações e suas origens, dedica algumas frases ao comercio francês dando conselhos e indicando adaptações para ter maior sucesso na Província:

O comercio é ativo em porto Alegre; vi sempre uns cinqüenta barcos, tanto nacionais como estrangeiros, ocupam a barra independentemente de um grande quantidade de pirogas de todos os tamanhos, chalanas destinadas ao transporte das mercadorias, facilitando admiravelmente as comunicações com o interior.

Não havia, durante a minha estada , senão três casas francesas em Porto Alegre; uma única fazia comercio direto com a França; uma outra obtinha os artigos franceses em Buenos Aires , Rio de Janeiro. A terceira mantinha um amplo comercio com os Estados Unidos(...).

Vê-se de tempo em tempo, alguns navios franceses vindo de Marselha ou de Bordéu, mas é raro que faça bons negócios, porque o carregamento é péssimo, com artigos de mal gosto, inadequados e não convenientes a este ponto do pais.

È de Marselha que saem os mais extravagantes embarques, os piores calculados...

(...) O gosto dos habitantes da Província do Rio Grande do Sul seja de alguma maneira misto... Amostras, modelos ou de medidas porque as melhores notas, os detalhes mais minuciosos dariam apenas uma idéia imperfeita do gosto e da exigência dos habitantes (ISABELLE, 1983, p. 66-67-68).

Saint-Hilaire descreve de forma mais sucinta o comércio, aborda apenas a entrada e saída dos produtos que fazem parte dos cotidianos das pessoas da cidade, “os comerciantes adquirem quase todas as mercadorias no Rio de Janeiro e as distribuem aos arredores da cidade. Em troca exportam principalmente couros, trigo e carne seca; é de Porto Alegre que saem todas as conservas expedidas da Província” (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 43).

Sobre os edifícios e Igrejas os comentários de Saint-Hilaire são breves. O viajante descreve os edifícios de maneira a não se importar com eles se comparados às casas, principalmente as obras públicas e sobre as Igrejas apenas uma idéia numérica: “Além da Igreja paroquial existem mais duas ou três ainda não acabadas” (SAINT-HILAIRE, 1999, p. 42). Isabelle descreve a praticidade operacional da Alfândega e não aplica adjetivos a ela, sobre as Igrejas menciona sua simplicidade, mas em relação a festa do Espírito Santo e procissões esbanjam luxo e a cidade toma uma nova face:

As sacadas são guarnecidas de ricos tapetes de seda bordada com franjas de ouro; as confrarias azuis sucedem-se às vermelhas, estas às brancas, e estas às cinzas, etc. Cada uma leva um relicário de santos, suntuosamente ornados, e depois durante três dias, vendem-se publicamente ao lado da Igreja, rosários, escapulários, galinhas assadas, pastéis licores, etc... – Viva Roma (ISABELLE, 1983, p. 64- 65).

Baguet comenta a rápida visita que fizera antes de abandonar Porto Alegre, registrando os edifícios, Igrejas e o Hospital, mas não detalhando nenhum deles. Há alguns comentários dos viajantes referentes aos costumes, valores e pouca vida social que podem desfrutar um morador da Capital. A política, a dureza e crueldade dos senhores no trato com seus escravos são duramente criticados por Isabelle.

Concluindo ressaltamos que a análise dos discursos desses viajantes deve ser feita levando-se em consideração o tempo da escritura. Além disso, é importante perceber pôr intermédio de quem eles vieram, quem os patrocinou, para quem estão escrevendo e com que objetivos se aventuraram. Apesar do que foi exposto acima, podemos usar a literatura de viagem e as aquarelas como documento, dialogando com as produções historiográficas, construindo assim um quadro mais amplo e completo sobre a história da província de São Pedro. Esses homens foram testemunhos de uma época, retrataram o que lhes era importante, e o que era importante está ligada ao mundo que os produziu.

Desta forma precisamos compreender o mundo moderno, pois é a partir desse modelo de sociedade que parte seu olhar sobre as cidades gaúchas. A modernidade inaugura uma nova era, uma nova lógica nas instâncias: políticas econômicas, sociais e culturais. Foi no mundo moderno

que se constituiu a unificação das nações, o capitalismo, a ciência. A modernidade promoveu um individualismo mais acirrado nas relações sociais.

O método científico passa a ser baseado na observação e experimentação, transformando a forma do homem relacionar-se com a natureza e com a cultura, o espaço e o tempo são pensados e vividos de uma outra forma. O tempo passa ser contabilizado e quantificado, alterando as formas de agir e ser de um indivíduo ou de uma coletividade. Ainda assim ao conhecer os viajantes, todos são europeus, vindos de uma sociedade que continua se transformando politicamente, culturalmente e economicamente. As opiniões se aproximam e se divergem, isto está relacionado ao contexto existencial de cada um. Como já foi apresentado acima, contexto existencial vem a ser um conjunto de fatores que vão formar a personalidade e o caráter de um indivíduo, que por sua vez vai interferir na sua percepção de mundo. Vindo desse contexto totalmente diferente eles não deixaram de emitir juízos, valores, julgamentos sendo por vezes preconceituosos sobre o que vêem.

Mas chamá-los de preconceituosos pode ser um anacronismo de nossa parte, se não compreendermos esse discurso, como um discurso de uma Europa moderna e industrializada, que irradiava os conceitos de civilização, modernidade, tecnologia entre outros. Muito diferente foi a observação no Brasil, receptor dessa civilização e modernidade. Em um país onde a economia se baseava na mão de obra escrava, havia pouca diversidade de profissões, com exceção a ciência que existia vinha de fora, a pouca educação da população local, as cidades não passavam de um aglomerado de casas tendo uma precária vida social e cultural, sem falar na indústria, que na Europa era seu maior símbolo de progresso; enquanto no Brasil o modo de produção escravista era incontestável. Esse contexto coloca a Província como muito atrasada para os olhos desses viajantes.

Enquanto na Europa as relações capitalistas emergem, proporcionando uma diversidade de profissões, produtos e consumidores, a literatura de viagem passa a ser um produto consumido na Europa do século XIX, as publicações e traduções das obras se davam cada vez mais rápida, o novo mundo desvelava-se para o velho, era dado aos leitores conhecer: a língua, os costumes, as organizações sociais e culturais, o modelo político, a diversidade ambiental, as cidades enfim, o exótico e pouco conhecido novo mundo.

A respeito das cidades temos um cruzamento de discursos entre os viajantes, e até mesmo algumas contradições em um único relato de viajante. O belo e feio se misturam e contradizem, hora o novo mundo é visto como o “paraíso” hora como “inferno”, a palavra pitoresca está presente na três obras quando se referem às cidades ou vilarejos, inferimos que na falta de outro

argumento o pitoresco podia dar uma idéia para os europeus do que seriam essas cidades, não eram grandes, belas e urbanizadas como as cidades européias, mas não deixavam de se mostrar atraentes. As frases referentes às casas sendo elas simples e graciosas ou belas é uma opinião que permeia os três viajantes. A valorização que fazem do imigrante nomeadamente o alemão é claramente entendida se levarmos em consideração que os viajantes encontram seus semelhantes, pois esses saem da mesma Europa que eles, portanto as percepções de mundo são semelhantes para não dizer iguais.

Finalizando é necessário ressaltar que a literatura de viagem tinha que atender os objetivos de um leitor, além de dar uma idéia dos lugares por onde passava, ela precisava satisfazer o espírito da aventura em um lugar “selvagem”. As situações vividas e as observações realizadas pelos viajantes algumas vezes são potencializadas, os lapsos e as meias verdades fazem parte da construção dessa literatura, tornando a obra atraente e sedutora.

Bibliografia:

Aquarelas: Hermann Rudolf Wendroth. Fundo Laudelino Teixeira de Menezes, Série: Produção de Terceiros. Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul – CEDOC-UCS.

ARSÈNE, Isabelle. **Viagem ao Rio grande do Sul, 1833-1834**. Tradução e notas de Dante de Laytano. 2.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

BAGUET, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul : EDUNISC; Florianópolis: PARAULA, 1997.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular. História e imagem**. Tradução de: Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

QUINTANEIRO, Tânia. “Sobre viagens e viajeros”. IN: **Retratos de mulher: a brasileira vista por viajeros ingleses e norte-americanos durante o século XIX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SAINT - HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821**. Tradução de Leonam de Azevedo Penna, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; 1999.

TORRESINI, Elizabeth Wendhausen Rochadel. “Imagens dos índios do Brasil e do Rio Grande do Sul no século XIX”. IN: **Negros e índios: história e literatura**.Org. Moacyr Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS,1994.

Título do artigo: RUAS, PRAÇAS, PORTO E CASAS. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO PORTO-ALEGRENSE NO RELATO DOS VIAJANTES DO SÉCULO XIX

Nome do autor: Marília Conforto

Titulação: Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cargo: Docente do PPG Mestrado em Letras e Cultura Regional Da Universidade de Caxias do Sul.

Docente do Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul.

Endereço:

e-mail: mc.14@terra.com.br

Profissional: Universidade de Caxias do Sul. Secretaria do Bloco H. –
Cidade Universitária

Rua: Francisco Getúlio Vargas **Telefone:** (**54) 32182100 RAMAL:
2171

N. 1130 – Bairro: Petrópolis CEP: 95020-972

Cidade: Caxias do Sul Rio Grande do Sul

Residencial: Rua Professor Carvalho de Freitas 594 apt 205

Bairro: Teresópolis CEP: 91720-090

Cidade: Porto Alegre – Rio Grande do Sul

Telefones: Residencial: (51) 32080634 Celular: (51) 84054956**